*Commentarium*, vol. 2 (2026), pp. 273-276
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_63

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

# Helena Carvalhão Buescu, *Heranças Imperfeitas*. Lisboa: Tinta da China, 2025. Pp. 301. ISBN 9789896719111.

Alda Correia

Universidade Nova de Lisboa, Portugal
https://orcid.org/0000-0003-2847-7057

*Heranças Imperfeitas* de Helena Carvalhão Buescu, Professora catedrática emérita de Literatura Comparada e Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, afirma-se desde o início, nas próprias palavras da sua autora, como um estudo sobre como "o peso da tradição, ao transformar-se em *herança*, ou seja, ao assumir-se como aquilo que simultaneamente separa (por *saltar* entre ideias, pessoas, gerações e tempos) e liga (por assegurar a *transição* entre eles), propõe uma leitura da história que é, em si mesma, uma filosofia da história" (p. 16). Uma herança imperfeita porque mantém e altera, numa dinâmica que constrói o presente e o futuro, com a contribuição decisiva da arte. Esta interdependência entre o antigo e o novo, sempre presente na literatura, ao reflectir outras dimensões do património artístico e cultural evidencia-se em vários momentos da história literária, mas é particularmente incisiva no modernismo. Por isso, a autora assume desde o primeiro capítulo, e dando continuidade ao volume *Cristalizações*: *fronteiras da modernidade* (2005), que terá como foco a modernidade propriamente dita e a herança que esta convoca, seja ela clássica, medieval, oral ou popular (p. 11). Como refere na Introdução do volume de 2005 (pp. 22-23), correspondendo "a um período que se abre sensivelmente em meados do século XVIII e que podemos considerar prolongar-se, sob transformações que não o afectam substancialmente, até hoje".

O presente livro estrutura-se assim, tendo sempre como foco de análise a literatura portuguesa, em catorze capítulos em que se procura criar uma corrente de reflexão e pensamento encadeado com a problematização e a análise textual — uma espécie de herança que se vai acumulando e transformando ao longo da apreciação dos autores em estudo. Por exemplo, o capítulo 8, sobre ruptura, revolução e família em *Amor de Perdição* e *A queda de um anjo* termina assim: "É este grau de 'felicidade' que Calisto Elói conquista, e

* **CONTACT Alda Correia** Email: camj@fcsh.unl.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

com que o texto acaba. Trata-se, afinal, e como veremos nos capítulos seguintes a propósito do mesmo Pessoa, daquela 'tranquilidade bovina' que Nietzsche declarava na sua análise, também ela das doenças históricas, dos seus contemporâneos. Disto nos ocuparemos explicitamente mais à frente" (p. 184). Da mesma forma, as características analisadas na poesia de Manuel Gusmão servirão de ponte para o capítulo seguinte sobre o volume de Jorge Fernandes da Silveira. Sempre enquadrados nesta fala reflexiva temos, pois, dois capítulos iniciais que definem o escopo e estabelecem o enquadramento da obra, três capítulos sobre cruzamentos, influências e leituras outras num conto de Eça de Queirós, em Camilo Castelo Branco e numa cantiga medieval galaico-portuguesa, focando-se os restantes oito capítulos em textos da modernidade com especial relevância para Fernando Pessoa. O capítulo conclusivo remata com o poema de Jorge de Sena "Como a Gilgamesh...", símbolo do cruzamento entre a herança clássica, o modernismo e os desafios de um mundo concreto, condicionado histórica e politicamente. Esta reflexão sobre a modernidade abrange poesia e prosa e é pensada sob perspectivas diversas, passando pelo primeiro modernismo (Fernando Pessoa, Florbela Espanca), pelos anos sessenta (Ruben A.), pela pós-modernidade (José Saramago) e chegando à contemporaneidade (Manuel Gusmão). A auto-reflexividade, tão cara à modernidade, está presente no capítulo que analisa o texto diarístico de Florbela Espanca, no capítulo sobre *O Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa ou no capítulo sobre um volume de teoria literária de Jorge Silveira que seguidamente abordamos.



O aprofundamento da problemática da modernidade é igualmente delineado, embora de forma indirecta (porque feita através da análise de uma obra crítica) no capítulo 5, que analisa o volume *O Retorno do Épico* do renomado crítico Jorge Fernandes da Silveira. Helena Buescu sublinha a forma como este estuda em autores portugueses, modernos e contemporâneos o traçado de uma dimensão épica, seja através das valências lírico--narrativas, seja através do poema longo, de uma poética citacional e voraz, de uma poética discursiva inclusiva, da radicação comunitária, da densidade histórica ou vendo o épico como instância de 'perpétua origem' (pp. 108-110). É este épico, por assim dizer actual, que acontece e retorna constantemente no tempo, que constitui um dos elementos dialogantes de todo o volume; o capítulo sobre a poesia de Manuel Gusmão concretiza esta abordagem ao falar da dimensão testemunhal da sua poesia (p. 89), da convergência do lírico e do narrativo (p. 84), ou do seu fascínio pela *terza rima* (p. 98), entre outros elementos.

Ainda como trave mestra definidora do enquadramento da obra deve ser referido o capítulo 2, intitulado "Literatura e Património". Sublinha-se aqui a relação do património literário com a cultura e a própria vida — "*a literatura é sempre uma experiência de vida*" (p. 46), ela funda-se numa "linguagem auto-reflexiva que não exclui de si nenhuma forma de discurso humano" (p. 40), numa dimensão incomensurável, tanto no sentido espacial como no de tradutibilidade. Como resposta à questão relativa à centralidade de *Os Lusíadas* como pilar fulcral do nosso património cultural e literário, a autora afirma a consciência de que o

património literário é um complexo heterogéneo nunca acabado e sempre variável em cada contexto histórico, simbólico e para cada leitor (p. 47).

Um dos capítulos que melhor ilustra esta relação é o capítulo sobre Camilo Castelo Branco em que Leonor Buescu mostra de que forma as obras *Amor de Perdição* e *A queda de um Anjo* constituem heranças imperfeitas, de acontecimentos históricos decisivos como a Revolução Francesa, argumentando, no caso do primeiro, que Camilo integra uma intriga pessoal no seio de uma acção historicamente relevante, comentando e interpretando através daquela os efeitos sociais e culturais da transformação em curso. Por outro lado, as intervenções do autor Camilo, na narrativa, podem ser interpretadas como a construção de uma distância entre quem conta e o que é contado. No segundo romance, a autora analisa o projecto camiliano de falar do presente histórico através do desajuste e do anacronismo que a personagem Calisto encarna.

Outro dos capítulos que ilustra com muita clareza esta relação é o número 6 que se refere ao romance *Torre da Barbela*, como espaço de cruzamento entre a componente fantástica e o bucolismo e melancolia nacional, remontando à figura de Sá de Miranda. Buescu analisa o cruzamento entre os elementos de tempo e espaço, o seu confronto e instabilidade (p. 123) através de estruturas como a figuração dos fantasmas, a união amorosa entre figuras de épocas diferentes, a tensão bucólica entre campo e cidade ou a combinação entre idílio e melancolia mostrando como, em última análise, esta revisitação impossível revela com um olhar irónico e paródico as perdas, os relativismos e as impossibilidades da modernidade.



Dos quatro capítulos que cruzam Fernando Pessoa com heranças recebidas e legadas, talvez valha a pena destacar aquele (cap. 9) em que Helena Buescu analisa a presença do pastoril e de Cesário Verde na personagem Ricardo Reis do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de José Saramago, ilustrando com muita clareza o conceito de herança imperfeita. A deambulação pela cidade e a alusão a uma ruralidade imaterial, a utilização da cidade como tecido poético, a revisitação dos espaços associados a Cesário e a Pessoa, a relação com os dois perfis femininos Marcenda e Lídia, a própria herança clássica de Reis presente no seu pensamento, são elementos que estruturam este cruzamento ou talvez esta influência: “Mais do que dizer, então, que Baudelaire influencia Cesário que influencia Caeiro que influencia Reis que influencia Saramago, escolhamos dizer que o Ricardo Reis de Saramago nasce tanto de Pessoa como do vívido diálogo entre o pastoril e a modernidade urbana, e que o lugar de Cesário nesse diálogo é, necessariamente, decisivo” (p. 208).

Pontos de referência permanentes da obra são o pensamento de Walter Benjamin (“o anjo da história”; “escovar a história a contrapelo”; a experiência do “tempo de agora”; “o olhar paradoxal do historiador”; “o contador de histórias”), o de Harold Bloom (“clinamen”) e o de Nietzsche (“rasura activa”; “o modo crítico de olhar a história”), mas também os legados tutelares de Baudelaire, Camões e Cesário. Em conjunto, configuram a posição que a autora

assume em relação à forma como a história pode ser lida através do património literário e cultural da modernidade; a forma como antiguidade e modernidade se tornam interdependentes de forma digerida, paradoxal, amputada, transformada, desviada, sugerida, negociada, refractada; é isso que explicita ao longo dos vários capítulos do ensaio. Esta alteração hermenêutica, que se propõe trazer ao de cima aragens diversas imbricadas em cada texto, revelando uma teia que possibilite estabelecer presentes e futuros e conduzindo a um certo alargamento da definição de literatura, não excluindo nenhuma forma de discurso humano ("do jurídico ao épico, do lírico ao aforístico, do gnómico ao simbólico ou metafórico, do narrativo ao alegórico, ao dramático ou mesmo ao científico" — p. 40), é, talvez, uma das contribuições mais interessantes do livro.

*Heranças Imperfeitas* chama para a reflexão uma miríade de textos e autores, fornecendo ao leitor uma multiplicidade de referências, que, ao estabelecer precisamente uma constelação dialogante, lhe podem permitir aprender, apreender, mas também avaliar a partir da sua própria apropriação interpretativa do texto.

Seria interessante, e muito adequado ao tema, incluir um índice remissivo onomástico que poderia ajudar o leitor a rastrear as heranças imperfeitas dos vários autores referenciados.